

Artigo

MISSA NEGRA PARA O MONSTRO DO GUARAGI

Victor E. Folquening

RESUMO

Palavras-chave

Semiologia, sensacionalismo, mídia, representações sociais.

Keywords

semiology, acting subjects, media, violence.

Biografia

Victor E. Folquening – jornalista, mestre em Ciências Sociais Aplicadas, autor de “O Jornalismo é um Humanismo” (Curitiba: Pós-Escrito, 2002). Professor de Teoria da Comunicação e Redação Jornalística e coordenador de Jornalismo da Unibrasil.

A temática para este trabalho vem de dois campos que tentarei entrelaçar. A proposta inicial é relacionar representações sociais e semiologia. Trata-se de uma pesquisa que originalmente foi organizada como requisito da disciplina de “Semiologia dos Discursos Mediáticos”, ministrada pelo doutor Antonio Fausto Neto em 1999 para o Mestrado em Ciências Sociais da UEPG. Embora já antigo, o problema parece ainda vibrante como descrição das práticas de mídia que ocorrem nas cidades brasileiras.

ABSTRACT

The first proposal is to relate social representations to semiology. This research was originally organized as a requirement of the discipline “Semiology of Media Speeches”, taught by professor Fausto Antonio Neto, in 1999, for the Master’s degree program of UEPG in Social Sciences. Although it has already been over explored, the discussion seems to still be relevant as it is a description of the variety of media’s presences in brazilians cities: the anticipatory role of the press in dealing with controversial issues. In the case presented, a serie of killings shown through a racist, provincial, xenophobic and religiously prejudiced view of the newspapers in Ponta Grossa.

No dia 9 de outubro de 1999, dois dos jornais da cidade de Ponta Grossa (PR) noticiaram o descobrimento de um corpo infantil na localidade de Roxo Rois, distrito de Guaragi. O crime foi imediatamente relacionado com rituais de magia negra. O suspeito do assassinato, dado como culpado, desapareceu com toda a família. No mesmo dia em que o **Jornal da Manhã** e o **Diário da Manhã** estamparam as manchetes sobre o caso, um novo achado: os corpos de um casal estavam em uma vala próxima à estação de trens abandonada. Nos dois dias que se seguiram, outros dois cadáveres ainda seriam descobertos.

A maneira como a imprensa local tratou o assunto, no período de três edições (9, 10 e 12 de outubro, de sábado a terça-feira¹) é o objeto da análise. Veremos como o **Jornal da Manhã**, o **Diário da Manhã** e o **Diário dos Campos** assumiram papéis que extrapolam as competências jornalísticas: o de polícia, justiça e portavoz da população. Todos os meios de comunicação da cidade, invariavelmente, se valeram de discursos autoritários, por vezes racistas e persecutórios, para retratar o caso. Não trato aqui da cobertura radiofônica, mas não me contenho em lembrar que o suposto assassino foi apontado por uma emissora como “preto feito o capeta”. Um radialista chegou a propor explicitamente que o acusado fosse morto por outros encarcerados na prisão. “Vamos ver se o Pai das Trevas te ajuda agora!”, desafiou um locutor. Houve até quem, em plena transmissão ao vivo, afirmasse seriamente que o suspeito chocava ovos embaixo do braço.

2) AS MANCHETES

- Criança é sacrificada em feitiçaria (Jornal da Manhã, 9/10/99)
- Criança pode ter sido sacrificada em ritual (Diário da Manhã, 9/10)
- Festival macabro deixa três mortos (JM, 10/10)
- Polícia encontra corpos enterrados em chácara (DM, 10/10)
- Novas mortes reforçam tese de ritual (Diário dos Campos, 10/10)
- “Bruxo” pode ter matado outra criança (JM, 12/10)
- Matador em série faz sua quarta vítima (DM, 12/10)
- PM descobre quarto cadáver em Roxo Rois (DC, 12/10).

3) Entrevistado duas semanas mais tarde por acadêmicos do terceiro ano de Comunicação Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o repórter Mário Martins (do Jornal da Manhã) disse que teria sido o responsável pelo apelido ‘Bruxo’ atribuído ao suposto assassino. Martins não acredita que “errou” ao relacionar magia negra ao caso. Ele diz que tem “certeza” que se trata de feitiçaria.

1 Os jornais diários de Ponta Grossa não circulam na segunda-feira (como foi dia 11). E na quarta não circulariam por causa do feriado do dia 12.

A convicção do Jornal da Manhã é explícita na primeira manchete alusiva ao caso. “**Criança é sacrificada em feitiçaria**”. O repórter construiu manchete e título da matéria com base nas “evidências” apresentadas no texto da chamada: “Sobre a cova havia duas ou três galinhas pretas estranguladas e vestígio de sangue humano” e ainda “explica” ao leitor que “cenas assim são bastante comuns em rituais de magia negra com o sacrifício de crianças”. Até hoje, a perícia criminal não apresentou laudo sobre o tipo de sangue encontrado nos copos. Como que dotado de um saber inquestionável, o JM descreve minúcias de um sacrifício satânico idealizado. Utiliza um recurso enciclopédico, extrapola a função meramente informativa dos fatos recentes e apresenta ao leitor a solução antecipada dos motivos da morte.

4) Na chamada, Martins também conta que o suspeito “é um feitiçeiro conhecido pelo apelido de ‘Preto’”. Não se questiona, em nenhum momento, se o suspeito realmente é feitiçeiro: a constatação é dada como infalível. O apelido, no entanto, seria obra do “invisível”. “...conhecido pelo apelido de ‘Preto’”. Conhecido por quem?

O repórter policial do jornal concorrente, Diário da Manhã, é Luiz Carlos Pimentel, negro e praticante de umbanda. Nem a familiaridade com o preconceito racial e religioso demoveu Pimentel de adotar o mesmo discurso, embora travestido de partículas

condicionais. A manchete primeira do DM foi “**Criança pode ter sido sacrificada em ritual**”. Usou a instituição policial para, na chamada, relacionar o crime à religião: “(...) pelos vestígios deixados no local, os investigadores acreditam que ele foi morto em sessão de magia negra”. Pimentel fala em apenas uma galinha preta, enquanto imprecisamente o JM descreve “duas ou três”. O suposto apelido (que, de fato, só foi citado pelo JM. Demais veículos de comunicação trataram o suspeito como ‘Negão’) foi rechaçado pelo repórter, ao ser entrevistado por alunos de Jornalismo. “Chamaram ele de Preto só porque os vizinhos eram polacos e polacos chamam todos os negros de Preto ou Negão. É racismo”. Numa segunda entrevista, no entanto, Pimentel afirmou que não via maiores problemas. “É uma forma carinhosa, às vezes. Minhas amigas me chamam de Negão”.

A própria exploração midiática da descoberta do corpo infantil levou a polícia e bombeiros a intensificar as buscas na região de Guaragi. Foi na manhã seguinte que a principal fonte de informação de todo o episódio começou a controlar o “sabor” das notícias publicadas. O delegado Noel Muchinski da Mota foi o personagem mais constante durante as edições seguintes. As instituições estabelecidas, como o Instituto Médico Legal e as Polícias Militar e Civil, passam a mediar com mais intensidade a construção das reportagens. A partir da

edição de domingo (10), jornais, rádio e televisão se baseiam exclusivamente nas especulações do delegado Muchinski.

O JM procura reunir todos os elementos exóticos da trama com uma expressão própria de filmes de terror B, “Festival Macabro”, como se a “chacina” extrapolasse o campo da realidade e conduzisse o leitor a uma espécie de torpor onírico. A chamada de primeira página trata de contrabalancear a forte expressão com um lead que privilegia a voz das instituições: “Soldados do 2o. Grupamento de Bombeiros, policiais militares e investigadores da 13a. SDP encontraram ontem (9)...” O convite à realidade burocrática e, por isso, supostamente verossímil, reforça a couraça de “verdade” oferecida pela manchete. **“Festival macabro deixa três mortos”** não demonstra nenhuma dúvida de que os crimes estavam relacionados. O uso da palavra ‘macabro’ também legitima outra “verdade” – todos teriam sido vítimas de sessões de magia negra.

A utilização do recurso cinematográfico permite ao redator ainda descrever os cadáveres (“em adiantado estado de putrefação”) e a movimentada ação dos policiais (“Essa possibilidade ficou mais forte com o arrombamento da porta de uma das repartições da estação em desuso, onde foram encontradas, segundo definiram os policiais, ‘oferendas ao demônio’”).

Na mesma chamada, a voz da instituição é invocada novamente, desta vez com o uso arbitrário de uma estatística: “O Instituto de Medicina

Legal divulgou informações de que existe 90% de chances de o corpo encontrado neste mesmo local, sexta-feira à tarde, ser do menino Daniel Vaz, 9”. A expressão estatística é retirada do campo da informalidade para reforçar, com status de posição oficial, uma informação que se sugeria mais “desejada” do que “comprovada” pelos meios de comunicação.

A capa do JM do dia 10 mostra duas fotos: uma vertical, cobrindo três colunas do *standart* até o limite do meio da página, onde vemos um bombeiro cavando um buraco; a outra, também vertical, mas pouco mais larga que uma coluna, retrata uma espécie de estante improvisada com tijolos e tábuas, alguns copos e garrafas. A “relação por contigüidade”, como quer Barthes, é óbvia: o cadáver prestes a ser desenterrado pelo soldado teria sido vítima de alguma prática relacionada ao “altar”.

O Diário da Manhã do sábado utilizou o mesmo recurso gráfico, embora as fotos publicadas sejam horizontais. Na fotografia maior, o soldado começa a calçar as luvas, com os pés sobre a cova onde vemos um pacote preto. Lá, se sugere, estão Cláudio e Erothides Kovalkevicz. Na foto menor (ou “detalhe”, como se diz no jargão jornalístico), dois copos com o suposto sangue e pedaços de cigarro. A relação por contigüidade entre as imagens, mais uma vez, é o que determina a hipótese do jornal sobre a causa das mortes, já que a manchete diz simplesmente

“**Polícia encontra corpos enterrados em chácara**”. Literalmente, a “*obiter dicta*” aparentemente inócua, as palavras ditas casualmente que entregam todo o jogo² está na “cabeça” sobre a manchete: TERROR EM GUARAGI. Expressão mais uma vez resgatada do campo dramático do cinema ou da literatura.

A chamada do DM, no entanto, é direta: “O caseiro Valdemar Rodrigues dos Santos, empregado do casal Cláudio e Erotildes, é o principal suspeito da morte dos dois. Ontem de manhã, a polícia encontrou os corpos enterrados na chácara e ainda mais vestígios de magia negra na casa, como copos contendo sangue (detalhe), galinhas degoladas, charutos e até um altar improvisado. O principal suspeito está foragido”.

O DM também não tem dúvidas quanto à existência de rituais, já que, definitivamente, descreve o aparato fotografado como “altar improvisado”. Chama Valdemar de suspeito, mas também de foragido. Ou seja, não existe outra hipótese que não a da fuga para explicar o sumiço do acusado.

Ao entrar para a cobertura, o Diário dos Campos apresenta a manchete “**Novas mortes reforçam tese de ritual**”. Não há qualquer pista do autor da tal “tese” de que havia ritual, embora implicitamente o jornal tentasse mostrar um consenso entre polícia, população do Guaragi e, especialmente, imprensa. O dado geográfico, para o DC, relaciona as mortes do casal com a da criança, haja vista o subtítulo: Outros dois corpos foram encontrados a poucos metros de onde foi achado o cadáver de uma criança na sexta-feira.

Na chamada de primeira página, DC valoriza a participação dos filhos do casal assassinado. Eles teriam encontrado os corpos dos pais. Apenas nas últimas frases da chamada há referências sobre o teor da manchete: “Ele está foragido. Junto com as coisas de Santos a polícia encontrou copos com sangue e indícios de que ele praticava rituais satânicos”. Mais uma vez, o suspeito é tratado como culpado confesso, ele estaria “foragido”. O redator diz que a polícia encontrou “indícios” de satanismo junto com as “coisas” de “Valdemar dos Santos”. Não se cogita que tais “indícios” poderiam significar outra prática espiritualista. Sem dizer abertamente, a chamada induz à conclusão que qualquer ritual satânico é ligado a assassinatos.

Ao ser entrevistada por estudantes de Jornalismo, a jornalista Maria Gizele da Silva, autora das matérias sobre o caso no DC, criticou os concorrentes

2 Wolfe descreve logo no início de seu livro *A Palavra Pintada* seu próprio sobressalto com a crítica de arte feita por Hilton Kramer, nas páginas do New York Times de 28/04/72. Eis a reprodução da crítica: “O realismo não carece de adeptos, mas carece, visivelmente, de uma teoria convincente. E dada a natureza do nosso intercâmbio intelectual com as obras de arte, carecer de uma teoria convincente é carecer de algo crucial - o meio pelo qual a nossa experiência de obras individuais se soma à nossa compreensão dos valores que elas simbolizam”. O livro tenta mostrar a ascendência da crítica sobre a arte do século XX. Citei aqui pela curiosidade e teor semiológico.

quanto ao tratamento à questão racial e religiosa.

Como não há publicações locais na segunda-feira, os veículos tiveram que recuperar o principal acontecimento de domingo – a descoberta do corpo de Júnior, com um bilhete endereçado ao delegado Muchinski – na edição de terça, quando a polícia chegou finalmente à família do suposto assassino.

No dia 12, o JM usa pela primeira vez em suas manchetes uma expressão condicional. Uma assertiva, no entanto, esconde outra afirmação convicta. **“Bruxo’ pode ter matado outra criança”** vem seguido da linha de apoio: Toda a Polícia da cidade caça Valdemar Soares dos Santos, o “bruxo” de Guaragi. No domingo mais um corpo foi encontrado.

Se o redator alimenta desconfianças sobre a autoria da morte de Júnior, nesse momento, não duvida da magia negra como promotora principal nem da ligação de “Valdemar” com a bruxaria. O recurso das aspas tenta indicar apenas que a expressão “Bruxo” é um apelido, uma preocupação estilística. A chamada para a matéria repete as fórmulas de literatura ou cinema de terror, sem deixar de lado os clichês da linguagem jornalística policial. “(...) O menino foi morto com requintes de crueldade. No corpo foram encontrados enormes cortes na barriga, tórax, axila esquerdo e virilha. Os policiais militares disseram que a vítima estava com uma corda no pescoço. Júnior pode ser outra

vítima de Valdemar”.

A foto principal da capa mostra um homem com capa de chuva apontando para peças que são identificadas pela legenda como “indícios de acampamento”. A personagem não identificada, em pé ao meio de árvores e outras plantas, pode ser um policial. Na foto interposta, uma reprodução da imagem em vídeo do suspeito. “Valdemar” já havia prestado depoimento à polícia na época em que se investigava o desaparecimento do casal Kovalkevicz. A entrevista foi gravada. A legenda diz: “No encarte, o ‘bruxo’ Valdemar Soares dos Santos, que está sendo procurado pela Polícia”. Não há informações na legenda que associem “Valdemar” ao acampamento, mas novamente temos aí a contigüidade barthesiana.

O Diário da Manhã assumiu o julgamento na edição de 12 de outubro. **“Matador em série faz sua quarta vítima”**. Depois da “cabeça” TERROR EM GUARAGI, seguia a linha de apoio: Rapaz de 17 anos aparece morto no Cará-Cará, e crime tem ligação com as mortes em Roxo Roiz. Desta vez, o periódico apelou para uma personagem mítica contemporânea, celebrizada especialmente pela mídia norte-americana, o *serial killer*. Mantém (porém de forma atenuada) o clima de horror sobrenatural com a “cabeça”, mas investe mais na quantidade de mortes do que na sua qualidade. A linha de apoio julga que o corpo encontrado tem relação com os demais cadáveres.

A chamada diz

convictamente que o adolescente “foi morto a facadas e ainda teve uma corda enrolada no pescoço”. Em seguida, trata do bilhete “esquecido” na chamada do Jornal da Manhã. “Ao lado dele, o assassino deixou um bilhete ao delegado Noel Muchinski, explicando que matou o menor para fazer justiça com as próprias mãos”³. Ou seja, os “indícios” utilizados anteriormente pela imprensa da cidade para legitimar suas hipóteses estavam agora sendo desconsiderados, afinal a manchete contradizia as pistas. O final da chamada descreve que “(...) Ontem, equipes de policiais iniciaram uma caçada a ‘Negão’ naquela região”. O autor do texto de capa, conforme entrevista concedida aos alunos, é o repórter Pimentel, que criticou a repetição da alcunha “racista” nos outros jornais.

O Diário dos Campos não estampou em manchete a descoberta do cadáver de Júnior. Em chamada simples na coluna da extrema esquerda da primeira página, o título indicava “**PM descobre quarto cadáver em Roxo Róis**”. Na verdade, a relação geográfica denuncia a fragilidade da tentativa de “isenção”. O cadáver fora encontrado no bairro Cará-Cará, mais próximo à área urbana de Ponta Grossa, mas o jornal prefere elaborar uma formulação que relacione o corpo com as demais mortes.

5) As matérias

Na matéria do Diário da Manhã do dia 9, na primeira vez que abordava o assunto, havia um “olho” com a expressão MAGIA NEGRA, em caixa-alta, respeitando o padrão gráfico do jornal. O título da matéria: **Polícia desenterra corpo em Guaragi**.

A seguir, trechos da reportagem publicada na página 18, segundo caderno, e assinada por Luiz Carlos Pimentel.

“(...) Àquela altura, tinha-se como certo de que seria encontrado no lugar do corpo de Cláudio e Erotildes. Com a descoberta dos pertences do casal na casa de Valdemar, não restavam mais dúvidas”.

“O encontro de uma galinha preta morta perto da cova levou à conclusão de que o menino foi morto em ritual de magia negra. A possibilidade foi confirmada por depoimento de moradores vizinhos a Valdemar Soares dos Santos, que declararam aos policiais que freqüentemente havia sessões de macumba na casa do empregado dos Kovalkevski que, pelo que se descobriu, podem ter sido vitimados também da mesma forma”.

“Agora, retomarão a tarefa, pois os indícios levam a uma única conclusão: Cláudio e Erotildes Kovalkevski foram assassinados”.

3 O conteúdo do bilhete: “Olá delegado da décima terceira (13a). O senhor não fez justiça sobre o casal desaparecido mas eu fiz. Como eles não quiseram me falar aonde estava o casal de velhos eu resolvi fazer justiça com as minhas mão. Não pense que eu sou louco pois só gosta da justiça”.

O Jornal da Manhã do dia 9 foi explícito no título principal da página policial: **Menor morto em ritual de magia negra**. A linha de apoio: Sobre a cova rasa havia galinhas pretas estranguladas. Descoberta choca Guaragi.

Vejamos trechos da matéria assinada por Mário Martins.

“(…) Algumas pessoas que acompanhavam o trabalho de resgate e que viram o corpo, o reconheceram como sendo dele”.

“Ela, inclusive, não descarta a possibilidade de Cláudio e Erotildes terem sido assassinados por um andarilho identificado por Valdemar Soares dos Santos, conhecido por ‘Preto’”.

“As suspeitas de Liziane ficaram mais reforçadas com os últimos acontecimentos”.

“Sobre a cova havia duas ou três galinhas pretas estranguladas e vestígio de sangue humano. Cenas macabras são comuns em rituais de magia negra com sacrifício de crianças”.

No dia 10, a descoberta dos corpos do casal de chacreiros, reforçou as teses satanistas da imprensa local, especialmente do Jornal da Manhã. Mário Martins escreveu, na matéria **Encontrados outros dois corpos em Guaragi** (linha de apoio: Bombeiros e policiais localizaram na manhã de sábado os corpos do casal Cláudio e Erotildes), frases como as seguintes:

“Os dois, a exemplo do menino encontrado morto no mesmo local na tarde de sexta-feira (8), teriam sido

sacrificados em um ritual de magia negra. Essa possibilidade ficou mais forte com arrombamento da porta de uma das repartições desta estação em desuso, onde foram encontrados, segundo definiram os policiais, “oferendas ao demônio”. Havia copo com sangue humano, charutos, cigarros e alimentos espalhados em pequeno altar”.

“‘É horrendo tudo isso’, definiu o delegado César Beresa. Da mesma forma manifestou-se o delegado-adjunto Noel Muchinski da Mota, que vinha investigando o desaparecimento do casal. ‘É tudo muito macabro’, abismava-se”.

“O ‘Monstro do Guaragi’, como está sendo chamado o feiticeiro Valdemar Soares dos Santos, está com a prisão preventiva decretada. Oriundo do Mato Grosso do Sul...”

“A todo momento tentava causar algum tipo de dificuldades, alegando que naquele local tinha muito animal peçonhento”.

Com o título **Polícia encontra casal desaparecido** Luís Carlos Pimentel, do Diário da Manhã, abordou os temas do dia 10 da forma que segue:

“As evidências de ritos de magia negra confirmaram-se ontem com a descoberta de dois copos com sangue, penas de galinha preta e sangue em uma panela comum, nos cômodos da moradia de Valdemar Dias dos Santos, prédio este em estado de abandono, que pertence à Rede Ferroviária, mas é ocupado por Valdemar e sua família, desaparecidos desde a última quarta-feira”.

“(…) tanto o casal pode ter descoberto os ritos macabros de Valdemar e com ele brigado, recebendo então a

vingança. O menino, não reconhecido como Daniel Vaz, de 9 anos, pelos seus pais, teria sido testemunha e morto por isso. O contrário também pode ter ocorrido. O menino assassinado por Valdemar, para a execução de suas bruxarias; o casal teria desconfiado e contado que comunicaria à polícia, o que motivou suas mortes”.

“Não há dúvidas de que o corpo encontrado na sexta-feira seja de uma dessas crianças”.

“O sangue em dois copos numa espécie de altar, improvisado e sem as tradicionais imagens satânicas, comprovam as práticas de ‘missa negra’. O garoto, ou pelo menos o seu sangue, serviu de oferta à entidade cultuada por Valdemar. O casal teria também sido apresentado como sacrifício?”

“A resposta poderá ser dada no final das investigações, com a prisão de Valdemar. O sangue nos copos, se humano ou de ave, exames de laboratório dirão. Há outros cadáveres ocultados nas cercanias da Chácara Maravilha, em Roxo Rois?”

Na edição do JM de 12/10, o repórter Mário Martins continua defendendo a hipótese de bruxaria na matéria **Sobrinho de feiteiro é assassinado**, com o subtítulo: Júnior Aparecido de Souza, 14, foi morto com requintes de crueldade. Ao lado do corpo a Polícia encontrou um bilhete.

“O sobrinho do ‘bruxo’ Valdemar Soares dos Santos, 23, suspeito de ter sacrificado durante um ritual de magia negra o casal (...), além de um garoto que pode ser Daniel Rodrigues Vaz, 9, está morto”.

“Um bilhete, endereçado ao delegado Noel Muchinski da Mota, encontrado ao lado do corpo causa intriga à Polícia e insinua que o assassinato de Júnior foi praticado por alguém ligado à família do casal”.

“Noel, referindo-se ao teor do bilhete, disse que ‘as investigações foram feitas dentro dos padrões exigidos pela Justiça”.

“Subentende-se por esse bilhete que Júnior foi assassinado antes de a Polícia e bombeiros terem encontrado os corpos do menino e do casal. O justiceiro, nesse caso, já sabia sobre os crimes e da localização dos corpos e por razões óbvias preferiu não comunicar os organismos policiais”.

“(…) O bilhete pode perfeitamente ter sido escrito por Júnior a mando de Valdemar, que depois o assassinou”.

“A morte de Júnior pode também se tratar de uma queima de arquivo. Ele teria participado de todos os rituais satânicos quando foram mortos o casal e o garoto. ‘O próprio Valdemar pode tê-lo apagado’, comentou um policial”.

“Na estação abandonada ontem foram encontradas uma faca feita artesanalmente e um papel com invocações ao demônio”.

“Também está desaparecido Paulo Mereht, 9, outro interno dessa mesma instituição. Valdemar pode também ter matado essa criança”.

O Diário dos Campos abriu a página policial do Dia das Crianças com o título **Mais uma morte levanta suspeitas**. O subtítulo: Quarto corpo foi encontrado na manhã de domingo e sugeria ser o do autor dos crimes. A repórter Maria Gizele da Silva ainda redigiu um texto, cercado em forma de “box”, a partir de entrevista com o criminalista Edson Stadler, tido como “especialista” em rituais satânicos.

A matéria principal traz uma foto que mostra um corpo enrolado em panos entre eucaliptos. O “box” inclui uma foto que retrata uma panela com penas e cascas de ovos envolta. Na legenda: Penas pretas de galinha guardadas na casa do suspeito que confessou à polícia manter rituais de feitiçaria.

“As investigações continuam, segundo Muchinski, até que se constate que o grupo não está na região. ‘Nós trabalhamos com a hipótese de que ele esteja perto porque a mulher está grávida e não pode sair para qualquer lugar’”.

“Segundo Muchinski, as mortes podem não ter sido provocadas em um ritual satânico. A polícia trabalha com a hipótese do casal ter sido liquidado depois do assalto praticado contra a residência. O fato da caminhonete não ter funcionado na possível fuga do suspeito teria forçado o chacareiro a matar o casal”. (obs. trata-se do último parágrafo da matéria principal).

“A morte de quatro pessoas causadas em suposto ritual satânico é vista com cautela pelo advogado Edson Stadler, que pesquisa o satanismo há cerca de um ano”.

“Stadler acredita a princípio que o principal suspeito das mortes, Valdemar dos Santos, seja um psicopata”.

“Em depoimento à delegacia, Santos admitiu ser adepto da feitiçaria”.

“Os métodos são praticados pela ala esquerda do espiritismo”.

“O advogado, que atuou no caso Evandro, de Guaratuba, no qual uma criança de sete anos foi executada, teme pela segurança no município.

‘A situação é de risco’, resume.”

6) A verdade dos indícios

As principais marcas do discurso antecipatório da culpa de “Valdemar” são os indícios e conclusões oferecidos pelos personagens envolvidos na investigação. O DM utiliza com frequência expressões como “tinha como certo” e “não restavam mais dúvidas”. Relaciona o “encontro de uma galinha preta” com ritual (“levou à conclusão”). “A possibilidade foi confirmada pelos moradores” e “pelo que se descobriu”, além do clichê “os indícios levam a uma única conclusão” fornecem estratégias de convencimento. As expressões também ajudam a dar crédito a uma investigação abstrata, não retratada, mas auto proclamada original.

Os indícios materiais são estrategicamente valorizados. Além das penas de galinhas, armação que sugere altar e a “confissão” de práticas religiosas definidas como “feitiçaria”, os jornais (notadamente o JM) incluíram no repertório do caso a descoberta de uma faca de madeira e um papel com “invocações ao demônio” sem, contudo, divulgar tal prece ou explicá-la.⁴ Subliminarmente, os jornais relacionam a raça do suspeito com a prática de rituais espiritualistas de raízes africanas. Até a entrevista com o advogado Stadler, os jornalistas não se preocupavam em delimitar o tipo de atividade religiosa que estaria vinculada ao demônio. Sem rodeios, os jornais identificaram a

4 Na verdade, se tratava de um papel de caderno, dobrado, onde estavam escritos sinônimos populares para “demônio”: cão, capeta, satanás, etc.

seita de Valdemar como “macumba” e, sucessivamente, com sacrifício humano. A própria matéria relativa à entrevista mais reforçou do que esclareceu os símbolos desenhados pela imprensa. Diz que “teme pelo município”. Considera a hipótese de que “Valdemar” seja um “psicopata”. A entrevista aconteceu como reflexo, enfim, do declínio da tese de satanismo. A elaboração do texto e sua diagramação, enfim, evitam afastar totalmente a mitologia. O decréscimo na intensidade do tom, digamos assim, foi compensado com a insistência na idéia de “assassinato em série”. Como se trocássemos do canal onde passava “Coração Satânico” para o que exibia “Psicose” ou “Assassinos por Natureza”.

7) Fontes

As informações publicadas muitas vezes são atribuídas a fontes sem identidade. “Algumas pessoas que acompanham...”, “...como está sendo chamado...”, “segundo os investigadores” e outras. Mas não se disfarça a eleição do “detetive” do romance policial engendrado pelas matérias: o delegado Muchinski, que ganhou até a foto principal da página interna do JM de 12/10. É dele que saem as informações que norteiam as reportagens. “É tudo muito macabro”, diz (ou melhor, “abisma-se”) o policial, como que justificando oficialmente o clima de terror proposto pelos jornais. Muchinski recebe o bilhete, explica o procedimento da polícia, desmente as hipóteses que ele mesmo difundiu. A rotina descrita

do delegado acaba fazendo dele o super-herói da história: “Acontece muito, comentou o delegado, que procura familiares de crianças desaparecidas com sua equipe de investigação e Capturas, ao mesmo tempo que corre para pegar Valdemar”.

8) As hipóteses

A antecipação do discurso oficial foi assumida a partir da edição de domingo. O JM procura definir a situação a partir da hipótese do sacrifício humano. O DM tenta explorar “todas as alternativas”. O segundo parágrafo reproduzido da edição do dia 10, no início desse capítulo, ilustra a confusão de sentidos construída pelo jornal. No mesmo trecho, o veículo desmente os próprios pais da criança desaparecida: “O menino, não reconhecido como Daniel Vaz, 9 anos, pelos seus pais...”

O “clima” de suspense é expresso por perguntas-chave nas conclusões das matérias. Elas servem para reforçar a proposta dos jornais sobre os crimes, como se o leitor estivesse diante de uma farsa estilística cujo final era obviamente a resposta positiva às questões. “O casal também teria sido apresentado como sacrifício?” ou “Há outros cadáveres ocultados nas cercanias da Chácara Maravilha, em Roxo Rois?”. Antecipa-se até o momento exato em que a novela terminará: “A resposta poderá ser dada no final das investigações, com a prisão de Valdemar”.

9) A imagem

O suspeito de cometer cinco crimes em Ponta Grossa teve seu perfil exposto pelas seguintes características: Negro (“Negão”, “Preto”), forasteiro (“Oriundo do Mato Grosso do Sul...”), pobre (“andarilho”, “chacareiro”, “empregado”), ritualista (“feiticeiro”, “bruxo”, “macumba”), maquiavélico (“queima de arquivo”, “escrito por Júnior a mando de Valdemar”, “pode tê-lo apagado”), anti-natural (“monstro”) e culpado (“foragido”).

Trocando em miúdos, é possível se afirmar que Valdemar ou Osmir foi condenado pela imprensa a partir de “provas” que incluíam sua raça, procedência, classe social, religião, personalidade, aparência e ausência.

10) As contradições

Podemos ainda coletar algumas das principais contradições publicadas pelos jornais de Ponta Grossa e sucursais durante o período em que a imprensa explorou os “assassinatos em série” no distrito do Guaragi.

Nome

O principal suspeito do caso Roxo Rois foi “batizado” pela imprensa ponta-grossense de Valdemar Soares dos Santos (JM, 9/10 e DM, 9/10); Valdemar Rodrigues dos Santos (DM, 10/10); Valdemar Dias dos Santos (DM, 10/10) Valdemar dos Santos (O Estado do Paraná, 12/10); Osmir Aparecido da Cruz (JM, DM, DC, Gazeta do Povo, 14/10).

Idade

A idade do principal personagem do caso variou entre 19 anos (OEP, 12/10), 22 anos (JM, DM, Gazeta do Povo, Folha do Paraná), 23 anos (JM, DM), 36 anos e 46 anos (DC, 14/10)

Apelidos

Osmir ou Valdemar foi chamado, nos dias em que o caso transcorreu na mídia, de Preto (JM, 9/10), Bruxo, Monstro do Guaragi e Feiticeiro (JM), Negão (DC, 10/10) e Serial killer (DM, 14/10).

Casal

O casal Cláudio e Erothides Kovalkevicz (GP, 14/10) também foi citado, durante os três dias, como Cláudio e Erotildes Kovalkevski (DM, 9/10), Cláudio Miguel e Erotilde Kowalkewski (JM, 9/10) e família Kavalkievicz (DC, 12/10).

Parentes

Pablo e Júnior foram tratados como “sobrinhos” de Valdemar (ou Osmir) pelo JM, 9/10. Eram “primos”, segundo o DC (10/10). Para o DM (10/10), a família do suspeito era composta pela “mulher, filhos menores e um primo adulto”. Segundo a polícia, citada por DC, GP e Folha do Paraná, Pablo tem 14 e Júnior tinha 17 anos. JM diz que Júnior tinha 14 quando foi morto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. RJ: Vozes, 1976.
- BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagens: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massas**. RJ: Rio Fundo, 1989.
- _____, Antônio. **O corpo falado: a doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras**. BH: Fumarce/PucMG, 1989.
- _____, Antônio. A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: **Revista Textos de Comunicação**, n. 11. FACOM/UFBA. Salvador, 1992.
- _____, Antônio. A sentença dos mídias: o discurso antecipatório do impeachment de Collor. In: **Comunicação, Política e Cultura**. RJ: Fumarce/PucMG, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- GOLDMAN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. Lisboa: Presença, 1972.
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. SP: Civilização Brasileira (?).
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. RJ: Tempo Brasileiro, 1984.
- _____, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**. Vol. 1 e 2. Barcelona: Península, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, s.d.
- SNOW, C. P.. **The two cultures**. Londres: Cambridge Univ. Press, 1993.
- WOLFE, Tom. **A palavra pintada**. Poa: L&PM, 1987.